

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

LETÍCIA MARQUES PAINS

O AMOR PARENTAL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

Paracatu

2020

LETÍCIA MARQUES PAINS

O AMOR PARENTAL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do UniAtenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof.^a Dra. Viviam de Oliveira Silva.

LETÍCIA MARQUES PAINS

O AMOR PARENTAL E A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do UniAtenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof.^a Dra. Viviam de Oliveira Silva

Banca Examinadora:

Paracatu – MG, 14 de agosto de 2020.

Prof.^a. Dra. Viviam de Oliveira Silva
UniAtenas

Prof.^a. Msc. Pollyanna Ferreira Martins Garcia Pimenta
UniAtenas

Prof. Msc. Romério Ribeiro da Silva
UniAtenas

Dedico este trabalho aos meus pais, irmã e noivo que me apoiaram na decisão de encarar esse desafio, concedendo-me todo suporte necessário durante todas as etapas até aqui superadas, me fazendo acreditar no meu sonho com confiança e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua graça, amor e misericórdia ao me conduzir pelo caminho da Psicologia, me proporcionando todos os elementos necessários para que eu chegasse até aqui onde estou com alegria, prosperidade e amor pela causa.

Agradeço a minha família e ao meu noivo por acreditarem em mim e na realização do meu sonho, me proporcionando todo apoio, suporte, força, paciência, compreensão e amor necessários em todos os momentos.

Agradeço a cada um dos professores que passaram por minha jornada acadêmica, contribuindo para meu crescimento e amadurecimento durante o curso, agregando um conhecimento tão sólido que sei que brilhantemente fará muita diferença no decorrer de minha trajetória após estar graduada.

De forma muito especial e carinhosa, agradeço à professora orientadora Dra. Viviam de Oliveira Silva pela paciência e auxílio em suas orientações concedidas sempre com um sorriso no rosto e muita leveza durante todo o processo de desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a cada um que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desse sonho.

Esta vitória é nossa!

RESUMO

Em nossa sociedade não são poucos os casos em que os indivíduos acabam mergulhando em depressão, devido a influências negativas no ambiente em que vivem, experiências traumatizantes e frustrantes no seio familiar, ou ainda, devido a sua maneira de se relacionar com sua parentela. A depressão é só uma das consequências referente à maneira com que essas pessoas respondem a esse tipo de situação conflitante em suas vidas. Muitas vezes, esses embates marcam tão profundamente o indivíduo a ponto de modelar sua autoestima de forma negativa, culminando em um nível de autoestima baixíssimo em que o indivíduo pode acabar não conseguindo restabelecê-lo positivamente, fazendo pouco juízo de valor de sua vida, o que refletirá nas suas escolhas e na convivência com outras pessoas. Baseado nessas hipóteses, o presente estudo busca explicar de forma mais profunda o tema, pretendendo possibilitar a análise dos dados qualitativos, e por fim, ponderar considerações finais sobre o tema e sua relevância na sociedade atual.

Palavras Chave: Amor parental. Autoestima. Psicologia.

ABSTRACT

In our society there are many cases in which individuals end up plunging into depression, due to negative influences in the environment in which they live, traumatic and frustrating experiences in the family or even due to their way of life related to your parents. Depression is just one of the consequences of how these people respond to this type of conflicting situation in their lives. Often, these clashes deeply mark the individual to the point of modeling their self-esteem in a negative way, culminating in a very low level of self-esteem in which the individual may end up failing to reestablish it positively, making a little value judgment of his life, that will reflect on your choices and way of living with other people. Based on these hypotheses, the present study seeks to explain the theme in more depth, aiming to enable the analysis of qualitative data, and finally, to consider final considerations on the theme and its relevance for society.

Key Words: *Parenthood love. Self-esteem. Psychology.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	09
1.2 HIPÓTESES	09
1.3 OBJETIVOS	10
1.3.1 OBJETIVO GERAL	10
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	10
1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO	11
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	11
2 A AUTOESTIMA E SUA INFLUÊNCIA AO LONGO DA VIDA	13
3 PRÁTICAS PARENTAIS POSITIVAS	16
4 PRÁTICAS PARENTAIS NEGATIVAS	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Embasados em pesquisas recentes da neurociência afetiva, Assis e Avanci (2004) afirmam que durante a gravidez e desde os primeiros anos de vida a construção do vínculo entre o filho e a mãe é extremamente valioso, fortalecendo na criança sentimentos como empatia, amor e cuidado. Este atributo é fundamental para a construção de uma autoestima com base sólida, o que permite que o sujeito desenvolva habilidades e competências fortes o suficiente para lidar com as adversidades da vida com resiliência e flexibilidade. Desta maneira, pode-se inferir o quanto um olhar amoroso de uma pessoa significativa na convivência do indivíduo pode influenciar a formação de uma boa autoestima, apenas pelo fato de lhe demonstrar apreciação, valor e de se perceber a sua competência e os seus potenciais. Assis e Avanci (2004) destacam ainda que a família desenvolve o papel principal como fonte de apoio indelével, independentemente de sua composição: pais casados, divorciados, em novas uniões, entre outros.

Assim sendo, sabe-se que quanto mais coerentes, firmes e equilibrados em suas atitudes e falas os pais forem, melhor será a qualidade da formação e consolidação da autoestima da criança. Silva (2015, p. 5) complementa esta ideia em sua afirmação que diz: “a base de segurança e acolhimento cedida nesse período [infância] pode dar origem a uma maior ou menor facilidade em enfrentar problemas futuros”.

Fishel (1998, p. 206) afirma que “a autoestima é encarada como a pedra angular do bem-estar das crianças e da saúde familiar”. Portanto, cabe atenção à maneira como as crianças estão recebendo estímulos, percebendo as atitudes dos seus modelos, sentindo as falas das pessoas importantes ao seu redor.

Neste sentido, Assis e Avanci (2004) ressaltam sobre o quanto o afeto tem grande valor e influência ao longo da infância no processo de construção do relacionamento entre os cuidadores e o indivíduo, se tornando fundamental para que a criança em questão se torne um “construtor da paz”, podendo assim dedicar um cuidado positivo consigo, com os outros ao seu redor e com o ambiente em que está inserida, o que é de suma importância, uma vez que as crianças de hoje serão os

adultos de amanhã, e, portanto, os agentes de transformações do meio em que estarão inseridas no futuro.

Segundo Fishel (1998, p. 207), “cada palavra, impaciente ou meiga, cada gesto, áspero ou calmante, cada expressão, aprovadora ou desaprovadora”, alimenta a imagem interna que a criança constrói de si mesma desde os primeiros anos de vida, isto é, baseado na maneira como é tratada pelas primeiras pessoas mais importantes para sua existência: seus cuidadores.

Da mesma maneira que atitudes positivas auxiliam na construção de uma autoestima elevada, atitudes negligentes e ambientes conflituosos influenciam negativamente o desenvolvimento da autoestima da criança, como conflitos familiares, discussões conjugais, exposição à violência – em todas suas dimensões: física, psicológica, moral –, além de rigidez e ausência de afeto na criação resultando em introversão, timidez, dificuldade de se relacionar com os amigos, insegurança perante suas capacidades, perante o próprio amor e perante o amor dos outros (SILVA, 2015).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A problematização acerca do tema, nasce da inquietação diante da seguinte pergunta: como o amor recebido por meio dos pais durante a infância influencia o processo de construção da autoestima de um indivíduo?

1.2 HIPÓTESES

Crianças que crescem em um ambiente onde tem sua individualidade aceita e respeitada, onde recebem afeto, elogios e atenção provavelmente serão crianças que, conseqüentemente, possuem a autoestima elevada.

Por outro lado, crianças que possuem um baixo envolvimento com seus pais, que recebem uma criação rígida e/ou são expostas a práticas parentais inadequadas como rejeições, punições, conflitos e violência provavelmente apresentarão uma baixa autoestima.

Sendo assim, faz-se necessário entender como o amor parental recebido na infância influencia a construção da autoestima de um indivíduo.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do presente trabalho científico se dá em demonstrar como o amor parental recebido durante a infância influencia o processo de formação da autoestima de um indivíduo.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para que seja possível alcançar o objetivo geral, se faz necessário atingir as etapas referentes aos seguintes objetivos específicos:

- a) Conceituar o termo autoestima, falar sobre sua abordagem ao longo da história e esclarecer como ela afeta de forma crucial todos os aspectos da experiência do indivíduo;
- b) Demonstrar como as práticas parentais positivas implicam na criação dos filhos e na construção de sua autoestima;
- c) Identificar como a criação parental em um contexto fora dos preceitos amorosos pode influenciar de forma negativa a construção da autoestima.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

De acordo com afirmativa de Fishel (1998, p. 206), que infere: “[...] desde a mais tenra infância a criança constrói uma imagem interna de si mesma baseada em parte na maneira como é tratada e cuidada pela mãe, pai, ou outras pessoas principais que tomam conta dela”.

Portanto, o presente estudo surgiu da necessidade de perceber como as atitudes dos adultos que exercem a função parental – sejam estas atitudes construtivas ou destrutivas – exercem influência no desenvolvimento da autoestima das crianças uma vez que a autoestima é um fator intrínseco e importante da personalidade humana, que merece atenção.

No mesmo sentido segundo infere Sedikides e Gregg (2003), isso funciona como um autojuízo, subjetivo, que transita por determinados níveis entre positivo ou negativo, no qual norteará as escolhas deste indivíduo durante toda sua vida, bem como sua autopercepção, o seu relacionamento consigo e com as demais pessoas ao seu redor.

É importante conhecer o quanto as atitudes dos pais podem motivar consequências no desenvolvimento harmonioso e equilibrado das crianças, seja pela forma como lidam, seja pela forma como falam com elas, uma vez que estas são seres delicados e suscetíveis, crescendo e se formando, em grande parte, com base nas suas interações e modelos sociais.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

Este estudo se referirá sobre a influência do amor parental recebido na infância de um indivíduo durante o processo de construção de sua autoestima. Para tal, este trabalho será realizado através de revisão bibliográfica, do tipo exploratória-descritiva, em que se utilizará o método dedutivo, em que por meio dos levantamentos de dados qualitativos, busca-se conhecer a verdade.

Para esta finalidade, serão realizadas investigações em artigos científicos, em publicações de livros e revistas e em material postado na web, pois como Gil (2002, p. 44) afirma, “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A revisão bibliográfica realizada irá auxiliar no conhecimento das variáveis existentes sobre o assunto abordado.

As pesquisas serão realizadas através de base de dados como o Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando combinações de palavras chaves como autoestima e parentalidade. Além de livros do acervo da biblioteca do UniAtenas.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura do presente trabalho está dividida em 5 capítulos, na qual o primeiro capítulo dispõe da introdução do estudo, a problemática, as hipóteses, a justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia da pesquisa.

Para início da explanação que dará o caminho relacionado ao tema, se tem o segundo capítulo voltado ao tema da autoestima, sua abordagem ao longo da história e seu poder de influência ao longo da vida.

No terceiro capítulo são expostas informações recolhidas sobre o resultado de práticas parentais positivas e como podem beneficiar o desenvolvimento psicológico e fortalecer a autoestima.

Já no quarto capítulo é demonstrada a face oposta, em que são explanados os resultados de práticas parentais negativas, os malefícios de tais práticas e como estas retardam o desenvolvimento psicológico e culminam na baixa estima dos indivíduos.

Sendo assim, se faz necessário após as abordagens e dados qualitativos levantados por meio do estudo que no quinto capítulo se dedique às considerações finais do trabalho científico, em que se farão as análises dos dados e estudos obtidos diante da atual conjuntura da sociedade, bem como, da relevância do tema escolhido.

Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas, pelas quais se fez possível a realização do trabalho de conclusão de curso.

2 A AUTOESTIMA E SUA INFLUÊNCIA AO LONGO DA VIDA

A preocupação do homem com o autoconhecimento acompanha a história da humanidade através dos tempos, sendo Sócrates um nobre exemplo deste fato, quando desde o século V (a. C.) instigava seus discípulos a se conhecerem (ASSIS E AVANCI, 2004).

A transição dessa noção de autoconhecimento para a de autoestima é recente, além disso, antes o sentido dado ao conceito de autoestima se diferenciava do que se conhece hoje, fazendo referência a narcisismo, egocentrismo, sentimento de superioridade, entre outras conotações individualistas (VOLI, 1998).

Hoje estas ideias já caíram por terra. Tornambe (2010) confirma a ideia ao dizer que já se sabe que é possível desenvolver uma autoestima positiva através de uma vaidade saudável e que isso não é sinônimo de narcisismo. Desenvolver a autoestima levando em conta o aspecto da vaidade, quando cultivada saudavelmente, eleva o grau de confiança e traz uma sensação de conforto de ser quem se é, além de uma visão positiva de si mesmo, possibilitando assim a capacidade de enxergar e trabalhar seus pontos fortes e fracos da melhor maneira possível.

Segundo Mruk (2006), foi um filósofo e precursor da psicologia como ciência chamado William James com sua obra chamada *The Principles of Psychology*, publicada em 1890, o primeiro a analisar sistematicamente a noção de autoconceito e autoestima. Doravante, nos 60 anos seguintes houve uma estagnação dos estudos publicados acerca do tema, sendo retomados apenas em meados do século XX pela Fenomenologia e Psicologia Social.

Atualmente no Brasil e em vários outros países a temática da autoestima ainda é pouco abordada cientificamente, mesmo tendo em vista sua importância reconhecida internacionalmente para o bem estar a nível social e individual, havendo uma forte popularização do tema através dos livros de autoajuda e do senso comum (AVANCI et al., 2007).

Os países desenvolvidos destacam a importância da autoestima, considerando-a um destaque entre os indicadores de saúde mental dentro das análises sociais de crescimento e progresso, uma vez que compreendem o quão relevante é a subjetividade humana na origem dos processos sociais (AVANCI et al., 2007).

“A violência familiar, o abuso de drogas, a gravidez precoce, o fraco desempenho escolar, a delinquência, o suicídio, as agressões escolares, a depressão e a prostituição” (AVANCI et al., 2007, p. 398) são apenas alguns dos problemas ditos contemporâneos que remetem à baixa autoestima e que afetam toda a sociedade, sendo apenas mais uma dentre tantas justificativas para o motivo de considera-la uma questão de saúde mental e pública.

Floriani (2010) argumenta que o conceito de autoestima é considerado um indicador importante da saúde mental para a sociedade moderna, pois é através dela que o ser humano percebe o seu valor, consegue traçar metas e objetivos e reconhece suas potencialidades. Dessa forma, é notório que a manutenção de uma autoestima positiva proporciona o equilíbrio geral da saúde a nível individual e social, principalmente mental, uma vez que as relações pessoais e interpessoais são favorecidas e alimentadas de forma saudável e consistente.

Briggs (2002) discorre sobre a suficiência de informações nos estudos norte americanos para indicar que uma criança com elevada autoestima terá sucesso, uma vez que ela reage diferente das pessoas que fracassam, tendo uma ampla e positiva base de atitudes para consigo mesma.

A autoestima diz respeito à autoavaliação do conceito que o indivíduo tem de si, sobre seu valor pessoal (PAPALIA E FELDMAN, 2013). No mesmo sentido, corrobora Miranda (2008) que a autoestima é fruto da experiência íntima do indivíduo e é um fator essencial para uma vida plena, afetando todos os aspectos fundamentais da existência humana.

Segundo Sedikides e Gregg (2003), esta autoavaliação subjetiva é dinâmica, transitando entre níveis que vão do positivo ao negativo, indicando que a autoestima não é um constructo estável, imutável, absoluto. Coopersmith (1967, p. 4-5) afirma que ela “expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação (para consigo) e indica o grau em que o indivíduo se considera capaz, importante e valioso”.

Para Branden (2002), autoestima diz respeito à confiança em sua própria capacidade de pensar, de enfrentar os desafios da vida, no seu direito de vencer e de ser feliz, no seu juízo de valor e merecimento, no seu direito de afirmar suas necessidades e de determinar aquilo que deseja alcançar para sua vida, além de conquistar esses seus objetivos e desfrutá-los.

No mesmo sentido Coopersmith (1967) afirma que uma pessoa com um alto nível de autoestima reconhece com clareza uma imagem mais constante e estável das suas capacidades e do que a distingue como pessoa perante o mundo.

O sujeito que possui essa percepção de si, conta com maior resiliência, flexibilidade e força para enfrentar os desafios que surgem em sua vida, além de possuir uma visão mais positiva, esperançosa e mais criativa para encontrar soluções, o que aumenta suas possibilidades em ser bem-sucedido. Com isso, sua capacidade de amar, de sonhar, celebrar e desfrutar a vida é ampliada (ASSIS; AVANCI, 2004).

Sendo assim, pautado nas afirmativas dos autores até o momento observadas, pode-se realizar uma análise que permite inferir sobre o poder de influência da autoestima, no sentido das palavras de Coopersmith (1967), que o ser humano quando é continuamente motivado, passa a ter uma autoestima saudável, que o possibilita observar melhor o mundo ao seu redor, e os ambientes em que está inserido.

No mesmo sentido, pode-se afirmar conforme Silva (2015), que essa autoestima criada desde a infância e nutrida durante os anos, pode criar um cidadão confiante, capaz de reconhecer suas habilidades, capacidades e também suas fragilidades e as áreas em sua vida que precisam de maior atenção para que possam ser trabalhadas e assim, se torne um ser humano íntegro, capaz de promover uma relação saudável consigo mesmo e com o outro, contribuindo de forma positiva com a sociedade em geral.

3 PRÁTICAS PARENTAIS POSITIVAS

As bases da construção da autoestima são formadas através do processo de internalização das ideias e das atitudes expressas pelas figuras-chaves na vida e cultura do indivíduo (GOFFMAN, 2002).

Entende-se que a autoestima não é inata, mas formada conforme a história de vida do indivíduo, moldada através da educação que recebe de seus cuidadores, pois sabemos que até os seis anos de idade o método de aprendizagem predominante é a imitação e retenção do que observa (SILVA, 2015).

Conforme Briggs (2002) ressalta, todas as crianças são diferentes umas das outras, são únicas, mas todas elas possuem as mesmas necessidades psicológicas de se sentirem amadas e dignas, e isto não diz respeito ao quanto os pais as amam, mas ao quanto eles fazem com que ela se sinta amada. Esta necessidade é essencial e acompanha o ser humano até a morte. É esse sentimento da criança sobre o se sentir amada ou não que irá ditar a maneira na qual ela irá se desenvolver.

Sendo assim, pode-se compreender que “é necessário que haja, da parte dos adultos de referência da criança, uma especial atenção ao modelo que são e que estão a transmitir” (SILVA, 2015, p. 8), pois as crianças “formam autoimagens baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significantes, como os pais, professores e amigos” (COOPERSMITH, 1989, p. 2), ou seja, na qualidade das relações entre as pessoas de papel significativo e criança. A autoestima não desenvolve relação com educação, riqueza, lugar onde mora, classe social, ocupação dos pais ou com o fato de eles não poderem estar sempre presentes em casa (BRIGGS, 2002).

Portanto, os pais devem ser e estar sempre atentos e vigilantes às suas atitudes e aos possíveis danos que estas poderão causar prejudicando um desenvolvimento equilibrado durante a infância, uma vez que crianças são seres suscetíveis e delicados, sendo moldados seja pela forma que se fala com eles, seja pela forma que se age com eles, uma vez que os mesmos crescem e se formam com base em suas interações sociais, com os modelos parentais que observam e com o *feedback* do que lhes é transmitido pelos adultos importantes em sua vida (SILVA, 2015).

A especialista em neurociência, Elliot (2016), assegura que tudo o que a criança enxerga, sente, cheira, ouve ou experimenta, usando cada um dos seus sentidos, forma uma conexão neurológica em seu cérebro, fazendo com que ele se desenvolva e cresça. Todas essas experiências vividas repetidas vezes, formam novas conexões que moldam a maneira de sentir, aprender e comportar da criança, como se seu cérebro fosse uma “esponja” absorvendo todos os estímulos. Sendo assim, pode-se compreender que quando existe a presença do amor parental no ambiente familiar, a criança irá extrair e absorver bons sentimentos, bons exemplos, bons valores, que inevitavelmente, estimularão seu crescimento em capacidade cognitiva, inteligência emocional, além de estatura.

Coopersmith (1989) atestou que certas condições contribuem para melhorar a autoestima da criança, como, por exemplo, aceitar totalmente seus pensamentos, sentimentos e valores; definir limites claros, justos e não opressores em sua formação como pessoa; não controlar, manipular, humilhar e ridicularizar a criança, nem ser autoritário ou violento; manter padrões e expectativas suficientemente desafiantes para a criança acerca de seu comportamento e desempenho, a fim de estimulá-la a ser uma pessoa melhor a cada dia, sem desanimá-la e sem projetar nela projetos e sonhos ideais, além disso, os pais devem apresentar um alto nível de autoestima, uma vez que eles são seu maior exemplo. Todo esse acolhimento com a criança facilita a aquisição de confiança e respeito por si mesmo (ASSIS; AVANCI, 2004).

Baseado na inferência do autor acima, confirma-se mais uma vez, que a família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança (MINUCHIN, 1999), surgindo como o mais poderoso sistema de socialização para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente (COATSWORTH; PANTIN; SZAPOCNIK, 2002).

Dessa forma poderemos observar indivíduos com elevada autoestima, capazes de enxergar uma imagem positiva e constante de suas capacidades, que sabem expressar suas próprias visões, que têm um bom desempenho escolar, que são criativos, que tem facilidade em assumir protagonismo nos grupos em que está inserido, que não se paralisa em situações de medo e ambivalências, que não se deixa paralisar em situações de críticas, que possui relações assertivas e realistas

com as pessoas ao seu redor, que demonstra confiança e otimismo nas próprias características e que acredita nas próprias potencialidades (ASSIS; AVANCI, 2004).

A ideia que a criança faz de si influencia o percurso de toda sua vida, desde a escolha dos amigos até o tipo de pessoa com quem ela se casa, a sua produtividade, a sua criatividade, integridade, estabilidade, formando a essência de sua personalidade e determinando a maneira com que fará uso das suas aptidões e habilidades (BRIGGS, 2002).

4 PRÁTICAS PARENTAIS NEGATIVAS

Levando em conta as crianças que têm a graça de experienciar com a família as primeiras situações de aprendizagem de sua vida, além da introjeção de padrões, normas e valores, percebe-se que se a família não estiver funcionando adequadamente, as interações, principalmente entre pais e criança e com a sociedade, serão prejudicadas (COLNAGO, 1991). Ou seja, o lar ao qual a criança está inserida e vive durante todo o seu primeiro tempo de vida, pode ser considerado como sua primeira e mais influente escola, pois lá ela é imersa num ambiente em que, como uma “esponja” irá absorver tudo o que nele ver, escutar, sentir e experimentar.

Desta maneira, quando uma criança vive em um ambiente onde presencia conflitos conjugais, onde é insultada ao invés de ser estimulada, corrigida e ensinada, onde só recebe *feedback* negativo, sem mostrarem a ela uma solução ou uma alternativa, onde se há uma constante transmissão de incertezas quanto à sua capacidade, há uma desvalorização que destrói a comunicação e a relação entre os pais e a criança e enfraquece seriamente sua autoestima, o que pode trazer a ela prejuízos emocionais que podem acompanhá-la por toda a sua trajetória de vida. (GOTTMAN; DECLAIR, 1999).

Um indivíduo com baixa autoestima tende a ser passivo e submisso, embora possa apresentar também o extremo oposto: um comportamento dominador e agressivo. Este indivíduo tende a apresentar maior sensibilidade à críticas, maior dificuldade em expressar a própria opinião e suas necessidades, maior dificuldade em conhecer e entender a si mesmo; tende a evitar desafios e a desistir com facilidade, a não se arriscar e a evitar se expor; tende a se isolar e a desenvolver sentimentos de ansiedade e depressão, podendo desenvolver também outras psicopatologias (ASSIS; AVANCI, 2004).

Vale ressaltar a narrativa de Briggs (2002) quando diz: “sempre que uma criança se considera incapaz, ela espera falhar e comporta-se de maneira que se torne menos provável o sucesso. Quando deixa de acreditar em si mesma, a criança está destinada ao fracasso.”

Outros fatores de risco sérios ao desenvolvimento da criança são a violência doméstica, a violência física, a violência psicológica e a exposição da criança à violência conjugal, podendo acarretar graves sequelas, tanto a nível físico, como

psicossocial e cognitivo (PAPALIA et al., 2009). As sequelas emocionais deixadas são várias, dentre elas a baixa autoestima, rigidez, abuso ou dependência de substâncias, baixa tolerância à frustração, ausência de empatia para com o próximo, problemas de saúde físicos e depressão (MAIA; WILLIAMS, 2005).

A negligência de suas necessidades básicas como alimentação, vestuário, moradia, educação, saúde, segurança, bem como a privação de afeto e de suporte emocional também configuram fatores de risco ao desenvolvimento da autoestima, podendo levar a um atraso no desenvolvimento da criança (MONTEIRO; ABREU; PHEBO, 1997).

Perante tudo isso que já foi abordado, temos crianças mais vulneráveis a praticar violência, pois segundo Silva (2015, p. 13) “crianças que sofrem estes tipos de violência têm o dobro da probabilidade das outras de vir a cometer crimes violentos”.

Segundo Assis e Avanci (2004), as crianças criadas sob tais circunstâncias são mais suscetíveis a apresentarem padrões de comportamento antissociais, além de terem uma baixa probabilidade de serem realistas e efetivas em suas atividades diárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos dados apresentados, levantados por meio desta pesquisa qualitativa, em artigos científicos, bem como por meio de autores consagrados na literatura da área, foi possível explanar cada um dos objetivos deste trabalho com sucesso.

Alguns dos pontos importantes esclarecidos no decorrer desse estudo se refere ao quanto a família cumpre um papel fundamental no processo de formação da autoestima e da personalidade do indivíduo, seja essa influência positiva ou negativa.

Quando a família, principalmente os pais, que têm um vínculo afetivo mais forte com a criança, funciona de forma harmoniosa, consequências positivas acontecem na sua vida, refletindo ao longo de toda sua história e não somente na infância, culminando em uma pessoa bem resolvida internamente, consciente de suas capacidades, limitações, potencialidades e habilidades, com valores e princípios bem definidos e capaz de estabelecer boas relações consigo, com as pessoas ao seu redor e, conseqüentemente, para a sociedade na qual está inserida. Vale ressaltar que, ao contrário do há no imaginário de grande parte das pessoas, não necessariamente os pais precisam estar 100% do tempo presentes em casa com a criança, ou se preocuparem com nível educacional, ocupacional, com o lugar onde moram ou com classe social para se desenvolver uma boa base para a construção a autoestima e personalidade da criança, uma vez que estes fatores não são primordiais na construção da mesma, mas sim a qualidade da presença.

Em contrapartida, é nítido que quando não há um ambiente familiar harmonioso, mas sim conflituoso, em que predomina desequilíbrios como a violência, abusos, discussões, descaso, indiferença, dentre outros problemas que afetam de forma direta a convivência das pessoas dentro daquele lar, estes podem ser fatores determinantes para que a autoestima do indivíduo se forme com nível abaixo do esperado, o prejudicando em vários aspectos ao longo da vida, sejam eles ao sentir insegurança, ao demonstrar um comportamento submisso em suas relações, ao apresentar um sentimento de ansiedade patológica, vulnerabilidade, baixa resistência à críticas, baixa capacidade de resiliência e em alguns casos, se manifestando com comportamentos extremamente opostos, violentos e em busca de dominação.

Em virtude dos fatos apresentados, pode-se observar que o amor parental dirigido ao indivíduo durante sua infância é de fato determinante a todos os processos ao longo da vida do sujeito, bem como ao seu processo de formação da personalidade.

Assim, verifica-se aqui a importância da conscientização acerca do tema, sendo crucial uma comunidade profissional e científica cada vez mais interessada, comprometida e atenta a pesquisar, estudar e divulgar informações sobre as relações familiares, o amor parental e a formação da autoestima para que, assim, esse conhecimento seja divulgado e popularizado através de redes de apoio presentes na sociedade que se utilizam de espaços como creches, escolas e outros centros de alfabetização, Unidades Básicas de Saúde, eventos organizados por secretarias públicas que prestam assistência social, igrejas e templos religiosos, entre outros espaços em que se torne possível a promoção de rodas de conversas afim de incentivar e promover a escuta, o diálogo, compartilhamento de informações e experiências, além de debates e outras formas de ações, podendo desta maneira atingir a todas as camadas da sociedade, favorecendo que a população tenha cada vez mais interesse e propriedade sobre o assunto que é crucial para diversas áreas da vida, da boa convivência e inclusive é uma das bases para relações pessoais e publicas cada vez mais assertivas e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edson Ribeiro; SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Intervenção visando a autoestima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ciência saúde coletiva, 2009. v. 14, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100034&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ASSIS, Simone Gonçalves; AVANCI, Joviana Quintes. **Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2004.

AVANCI, Joviana Q. et al. **Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes**. Porto Alegre: Psicol. Reflex. Crit., 2007. v. 20, n. 3, p. 397-405. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jun. 2020.

BANDURA, Albert. **Fundamentos sociais do pensamento e ação: teoria social cognitiva**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.

BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima e os seus seis pilares**. Tradução de Vera Caputo. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRIGGS, Dorothy Corkille. **A auto-estima do seu filho**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COATSWORTH, J. D.; PANTIN, H.; SZAPOCNIK, J. **Family united: a family-centered ecodevelopmental intervention to reduce risk for problem behavior among hispanic adolescents**. Clinical Child and Family Psychology Review, 2002. v. 5, p. 113-132.

COLNAGO, N. A. S. (1991). **Pares "mães bebês síndrome de Down": Estudo da Estimulação e dos aspectos qualitativos da interação**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

COOPERSMITH, Stanley. **Coopersmith self-esteem inventory**. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1989.

COOPERSMITH, Stanley. **The antecedents of self-esteem**. San Francisco: Freeman, 1967.

ELIOT, Lise. **O cérebro da criança é como uma esponja até os 11 anos**. Jornal da Madeira, 2016. Disponível em: <<https://iasaude.pt/index.php/informacao-documentacao/recortes-de-imprensa/1893-cerebro-e-como-uma-esponja-ate-aos-11-anos-de-idade>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FISHEL, Elizabeth. **Relações entre pais e filhos**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

FLORIANI, Dimas. **Complexidade e epistemologia ambiental em processos socioculturais globais e locais**. Florianópolis, 2010.

FLORIANI, Flavia Monique; MARCANTE, M. D. S.; BRAGGIO, Laércio Antônio. **Autoestima e autoimagem: a relação com a estética**. Balneário Camboriú, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5882778-Auto-estima-e-auto-imagem-a-relacao-com-a-estetica.html>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOTTMAN, John; DECLAIR, Joan. **A inteligência emocional na educação**. Lisboa: Pergaminho, 1999.

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área**. São Carlos: Temas em Psicologia, 2005. v. 13, n. 2, p. 91 – 103.

MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento & Tratamento**. (J.A.A. Cunha, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. Pub, 1999.

MONTEIRO, Lauro; ABREU, Vânia Izzo de; PHEBO, Luciana Barreto. **Maus tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção: guia de orientação para profissionais**. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1997.

MRUK, Christopher J. **Self-esteem and positive psychology: research, theory, and practice**. 4th ed. 2006.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **O mundo da criança**. 11. ed. Alfragide, Portugal: McGraw-Hill, 2009.

PEREIRA-SILVA, N. L.; DESSEN, M. A. (2003). **Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003. 16 (3), p. 503-514.

SEDIKIDES, Constantine; GREGG, Aiden. **Portraits of the self**. The sage handbook of social psychology: concise student edition. London, England: Sage Publications, 2003.

SILVA, Catarina Alexandre. **A autoestima das crianças em idade pré-escolar: de que modo as atitudes dos adultos podem influenciar o desenvolvimento da autoestima em crianças entre os 3 e os 6 anos de idade**. 2015. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa (Portugal).

VOLI, Franco. **A autoestima do professor**: manual de reflexão e ação educativa. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

TORNAMBE, Robert. **A fórmula de cálculo da beleza**: como encontrar o seu quociente pessoal de beleza e explorar ao máximo seu potencial estético. Editora Matrix, 2010.